

CAESB INTERDITA LAGO PARA-
NOÁ POR CAUSA DE TONELADAS
DE PEIXES CONTAMINADOS

CIDADES

PLANALTINA PERDEU O AR PACA-
TO DE OUTROS TEMPOS E OCUPA
TERCEIRO LUGAR EM HOMICÍDIOS

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 25 de julho de 1997

DF - Cidade

Morador da Estrutural reage à derrubada da feira e de um muro e joga pedras e paus na tropa de policiais militares

Fotos: Jorge Cardoso



Dois soldados da Polícia Militar apontam o lança granadas (de efeito moral) para um grupo de invasores da Estrutural, quando levaram uma pedrada e reagiram atirando e correndo atrás dos agressores. Ninguém foi preso

INVASOR EXPULSA A PM

Karina Falcone
Especial para o Correio

Na primeira etapa da operação, a Polícia Militar conseguiu agir com austeridade. Protegidos por um cordão de isolamento, policiais, técnicos do governo e quatro tratores não tiveram dificuldades em derrubar os 61 boxes que formavam a feira livre da invasão da Estrutural. A tropa de choque assistia à operação em um lado do terreno e os moradores da invasão em outro. O clima ainda não era de confronto. Alguns moradores até conseguiram passar pelo isolamento para ajudar os feirantes que retiravam suas mercadorias às pressas, antes do trator passar.

A austeridade da PM e a tranquilidade da operação só duraram até aí. Enquanto não receberam nenhuma "orientação" dos seus líderes, os moradores da Estrutural se limitaram a pedir a punição divina para o governador Cristovam Buarque, grande "culpado" daquela "desgraça". Ao primeiro comando da líder da comunidade, Marlene Mendes, e do seu aliado, deputado José Edmar, os moradores partiram para o confronto com os policiais. "Eles querem nos expulsar daqui, mas nós não vamos deixar", gritava o deputado. A partir daí, "chuva" de pedras, tijolos e paus.

Os 231 policiais envolvidos na operação não foram suficientes para controlar a população revoltada e o isolamento montado pela PM não conseguia proteger o comando, que teve que se deslocar para o outro extremo da invasão, onde foi executada a segunda etapa da operação.

A derrubada de um muro de 80 metros que cercava uma parte da invasão foi realizada sem atritos. Enquanto os policiais se deslocavam para o local, a população comemorava a "retirada" e se armava com os paus e pedras que sobraram dos boxes da feira derrubada. Quando os moradores partiram para o confronto já não restava mais muro e a maior parte da tropa policial já havia se retirado, obedecendo ao comando do major Wolney Rodrigues.

As tropas foram orientadas para não entrar em confronto com os moradores e só "ameaçaram" reações.

Tiros de rojão para o alto, balas de borracha e jatos d'água foram as armas utilizadas pelos policiais. Pelo menos dois soldados foram atingidos por pedradas: um no joelho outro no rosto. Entre os moradores, quatro foram levados para o hospital. Nenhum ficou gravemente ferido.

Portando dois *habeas-corpus* e um mandato de segurança, o advogado Abrãao Jardim esbravejava com os policiais dizendo que a derrubada era ilegal. Segundo ele, os documentos provavam que os invasores da Estrutural foram assentados pelo Governo do Distrito Federal.

AGRESSÕES

A ordem de retirada dada pelo major Rodrigues foi, no mínimo, precipitada. Após a derrubada do muro, a maioria dos policiais foi para o Jockey Club para uma reunião de avaliação. O problema foi avaliar a operação antes dela acabar. Com apenas um carro do batalhão de choque e a polícia montada do local, os PMs foram expulsos pelos moradores. Sem polícia e com muita revolta, a população invadiu a pista da Via Estrutural, apedrejou os carros da imprensa e agrediu jornalistas que estavam no local.

Apesar das agressões e da retirada nada estratégica, a avaliação do major Wolney é de que a operação foi "positiva". Mas o major afirmou que a chegada do deputado José Edmar estimulou a reação dos moradores.

A operação preparada pela PM para a Estrutural foi um mistério, mesmo enquanto acontecia. Foi anunciado que seriam derrubados os boxes da feira, o muro, madeiras e casas de alvenaria. Quando as tropas se retiraram do local logo após a derrubada do muro, o major Wolney afirmou que não se tratava de uma retirada, mas do "encerramento da operação".

Segundo o major, as madeiras e as casas de alvenaria são o "próximo alvo" do governo. "A operação será feita em etapas. Para derrubar as madeiras teremos o auxílio da Secretaria da Fazenda. As construções de alvenaria não podem ser realizadas aqui porque esta é uma habitação provisória", explicou.

■ Leia mais na página 3



Policiais militares não enfrentaram os invasores da Estrutural, que puseram a tropa para correr sob uma chuva de paus e pedras que deixou quatro feridos

"A OPERAÇÃO SERÁ FEITA EM ETAPAS. AS CONSTRUÇÕES DE ALVENARIA NÃO PODEM SER REALIZADAS AQUI PORQUE ESTA É UMA HABITAÇÃO PROVISÓRIA"

Major Wolney Rodrigues
administrador da invasão da Estrutural

"ELES QUEREM NOS EXPULSAR DAQUI, MAS NÓS NÃO VAMOS DEIXAR"

José Edmar
deputado distrital do PMDB